



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 10 – Ano V – 10/2016
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

APOLO E DIONÍSIO – A QUESTÃO DA ARTE NO HORIZONTE DE O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA DE NIETZSCHE

Gabriela Ferreira de Andrade

Licenciada pela Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ

<http://lattes.cnpq.br/9230609897961054>

E-mail: b.igaa@hotmail.com

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória Maria Ferreira Ribeiro

<http://lattes.cnpq.br/7204538142619079>

Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ/MG - Brasil

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo explicitar os fenômenos do *apolíneo* e do *dionisíaco* que, para Nietzsche, encontram-se na origem da tragédia grega. Por meio da análise da obra “O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo” (1872), podemos observar que é da tensão dessas duas divindades que se origina a tragédia, ou seja: quando os horrores próprios da existência (que encontram a sua expressão mais crua em Dionísio) são dissimulados pela ilusão da beleza e da medida (características que estão presentes em Apolo) é que se torna possível o nascimento da arte - que para Nietzsche é um valor mais radical que a verdade. Segundo Nietzsche, os gregos tinham uma consciência dos elementos reais da vida, tais como os aspectos negativos que se expressam na própria condição do existente humano, cuja única certeza é a morte.

Palavras-chave: Apolo, Dionísio, Tragédia, Nietzsche.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo uma análise dos termos *apolíneo* e *dionisíaco*, e como a tensão entre esses dois fenômenos se origina a tragédia grega. Tomamos como bibliografia principal a obra “*O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*” escrita por Nietzsche no ano de 1872. Embora, o autor faça referências aos deuses presentes na mitologia grega, Apolo e Dionísio, ele não se restringe a uma análise historiográfica, mas a afirmação de que essas duas tensões são de extrema importância para o espírito do homem presente na Grécia Antiga.

A obra “*O Nascimento da Tragédia*” é produzida por Nietzsche mediante inspirações de uma filosofia schopenhaueriana e a arte wagneriana. Sobretudo, a obra se enquadra ao movimento que estava sendo iniciado por Winckelmann¹, seguido por Goethe, Schiller e Hördelin. Pensadores que estavam à procura de uma interpretação da cultura e da arte grega. Propunham principalmente uma nova visão do mundo, inspirada principalmente na Grécia Antiga e seus valores. Esse movimento foi inspirado na obra “*História da Arte Antiga*” lançada por Winckelmann, na qual se inspirava na literatura grega para buscar uma saída do modelo civilizatório que regia na Alemanha moderna, em que a razão era o centro das atenções em toda a filosofia da época.

A originalidade de Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* foi, inspirada na ideia wagneriana de drama musical, valorizar a música para pensar a tragédia grega como sendo uma arte fundamentalmente musical, ou como tendo origem no espírito da música, concebida como única força capaz de expressar o dionisíaco. Mas também articular a filosofia de Schopenhauer [...] para pensar a cultura alemã através do espírito trágico, ideia que não existe em Schopenhauer. (MACHADO, 2005, p. 34)

Logo no início da obra em seu prefácio fica explícito que Nietzsche busca em Wagner esperanças em relação à arte, na qual não se limitaria apenas em um mero passatempo. Segundo Heidegger em seus escritos sobre Nietzsche, pode-se evidenciar uma interpretação a respeito de seu encantamento por Wagner:

¹ Johann Joachim Winckelmann foi um historiador de arte e arqueólogo alemão. Era um helenista e foi o primeiro a estabelecer distinções entre arte Grega, Greco-Romana e Romana, o que seria decisivo para o surgimento e ascensão do neoclassicismo durante o século XVIII.

[...] O que cativou o jovem Nietzsche no homem de Richard Wagner e em sua obra foi esse arrebatamento que impelia para o todo a partir da embriaguez. No entanto, isso só foi possível porque algo no próprio Nietzsche veio de encontro a esse arrebatamento, aquilo que Nietzsche então denominou o dionisíaco. Todavia, como Wagner só buscava a mera intensificação do dionisíaco e a autodissipação em seu elemento, enquanto Nietzsche buscava agrupar as suas forças e conformá-lo, a fissura entre os dois também já estava previamente determinada. (HEIDEGGER, 2007, p.81).

Nietzsche por influência de Schopenhauer se introduzirá também nos estudos da simbologia apolínea. Schopenhauer na obra *“O mundo como vontade e representação”* estabelecerá para apolíneo como sendo: o princípio de individuação *“principium individuationis”*. Para Brandão, é algo muito difícil uma real compreensão de Apolo para os gregos, por isso Nietzsche se destaca em relação ao seu trabalho dedicado em interpretar e resgatar essa cultura helênica. Para essa inserção da cultura trágica dos gregos, Nietzsche tomou de base as obras - *Crítica da Razão* de Kant e já citado acima - *“O mundo como vontade e representação”* de Schopenhauer. Esse termo resgatado por Nietzsche remete ao princípio de individuação, no qual, todos os seres humanos são seres únicos, por causa da racionalidade, ou a sua unidade – razão. Utilizando de uma passagem da obra *“O Mundo como Vontade e Representação”*, Nietzsche (2013, p. 37) apud Schopenhauer cita:

Tal como, em meio ao mar enfurecido que, ilimitado em todos os quadrantes, ergue e afunda vagalhões bramantes, um barqueiro está sentado, em seu bote, confiando na frágil embarcação; da mesma maneira, em meio a um mundo de tormentos, o homem individual permanece calmamente sentado, apoiado e confiante no principium individuationis [princípio de individuação].

Apolíneo para Nietzsche é a representação do princípio de individuação, tendo este a consciência de si próprio, ou seja, a sua medida.

Vejo Apolo diante de mim como o gênio transfigurador do principium individuationis, único através do qual se pode alcançar de verdade a redenção na aparência, ao passo que, sob o grito de júbilo místico de Dionísio, é rompido o feitiço da individuação e fica franqueado o caminho

para as mães do ser, para o cerne mais íntimo das coisas (NIETZSCHE, 1992, p. 97).

Nietzsche utiliza Apolo e Dionísio como metáforas para analisar não só a questão da arte na tragédia grega, mas a arte em seu sentido mais amplo, desempenhando o papel, que para nosso autor é de extrema importância para elevar e estimular a vida. A arte revela-se como uma potência criadora da vida. Assim, o antagonismo que marca a tragédia grega, é para Nietzsche a formulação de uma oposição entre apolíneo e dionisíaco, para que o homem suporte sua própria existência.

TRAGÉDIA

Em “A Tragédia Grega” de Albin Lesky, há uma significação a respeito da origem da tragédia, dando ênfase à cultura. Assinala-se que tragédia é sempre entendida como um destino terrível de um herói, tendo sua queda como o fator trágico da história, buscando assim se redimir perante aos desafios no qual a vida está inserida. Para Junito Brandão em sua obra “*Teatro Grego: Tragédia e Comédia*”, a tragédia é caracterizada quando o *Métron* (medida de cada um) é ultrapassado. Aqui, herói é concedido como *Ator* (Anér), que este cometendo uma *hýbris* (*démesure*, violência), causa um *némesis* (ciúme divino), tendo assim uma cegueira da razão (*áte*), acarretando a uma *moira*, ou seja, um destino trágico, sendo punido pelos deuses. Para Nietzsche, não há derrota ou castigo do herói trágico, este tem uma pulsão inconsciente à vida, caracterizando assim como um gênio transfigurador, ou seja, ao mesmo tempo em que gera e destrói, Apolo e Dionísio são pulsões necessárias, para que a tragédia se dê. Já para Aristóteles em sua obra *A Poética*, caracteriza bem o que Nietzsche buscar nos expor:

O mais importante é a maneira como se dispõem as ações, uma vez que a tragédia não é imitação de pessoas e sim de ações, da vida, da felicidade, da desventura; mas felicidade e desventura estão presentes na ação, e a finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Os homens possuem diferentes qualidades, de acordo com o caráter, mas são felizes ou infelizes de acordo com as ações que praticam. Assim, seguem-se que as personagens, na tragédia, não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres para realizar as ações. (ARISTÓTELES, 2000, p.44)

Segundo Lesky:

Aristóteles reconheceu claramente quando, na Poética (cap 6), caracterizou a tragédia não como imitação de pessoas, mas de ações e da vida. Com isto, compreendeu a tragédia clássica de seu povo melhor que seus interpretes modernos, [... contra os quais] Nietzsche tantas vezes nos acautela. (LESKY, 2003, p. 27-32)

Por uma observação anacrônica, acredita-se que a maneira na qual os gregos viviam pode ser interpretada como uma vida pessimista. Essa maneira de seguir a vida é o que Nietzsche caracteriza como sendo o *amor fati*, ou seja, um amor pelo destino. Por outro lado, Nietzsche irá caracteriza-los como sendo otimistas, para entendermos essa afirmação à vida, é necessário o entendimento de Apolo e Dionísio no papel da tragédia grega, que para nosso autor, só se dará pela junção de ambos os deuses. Em um fragmento publicado após O Nascimento da Tragédia, intitulado *Sabedoria para depois do amanhã*, mostra o lugar no qual o indivíduo ocupa o lugar do herói:

Aquilo que chamamos de “trágico” é justamente essa elucidação apolínea do dionisíaco: quando separamos e dispomos numa série de imagens essas sensações tecidas entre si, que a embriaguez de Dionísio produz em conjunto, essa série de imagens expressa o “trágico” [...]. A forma mais universal do destino trágico é a derrota vitoriosa ou o fato de alcançar a vitória na derrota. A cada vez, o indivíduo é derrotado e, apesar disso, percebemos seu aniquilamento como uma vitória. Para o herói trágico, é necessário sucumbir por aquilo que ele deve vencer. Nesse grave confronto, intuimos algo da já aludida estima suprema da individuação: aquela de que um originário precisa para alcançar seu último objetivo de prazer. De modo que o perecer se revela tão digno e respeitável quanto o nascer, e de modo que o nascimento deve cumprir, ao parecer, a missão que lhe é imposta como indivíduo. (NIETZSCHE, 2005, p.12)

APOLO E DIONÍSIO

Apolo é o deus grego caracterizado pela experiência onírica, cujo poder é o reestabelecimento do indivíduo por meio do sonho. Tal processo onírico eram experiências realizadas nos templos de Apolo, no qual aqueles que almejavam descobrir o futuro eram induzidos em um sono profundo, como uma espécie de

transe, em que sonhariam o que precederia no futuro. O universo apolíneo caracteriza-se pelas formas, a beleza, a harmonia e “(...) como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”. (NIETZSCHE, 2013, p. 37), por tais características Nietzsche o assemelha sendo também deus das artes plásticas. Etimologicamente Apolo significa o iluminador, o resplandecente, o deus do brilho, da aparência, a divindade da luz. E por ser considerado o deus do Sol, por sua iluminação, seu brilho, ele também é associado as ilusões, por gerar tamanho espetáculo iluminatório é capaz de ocultar tudo ao seu redor.

Assim, Apolo torna a vida suportável de ser vívida, segundo Nietzsche os gregos por meio desse deus puderam gerar uma confiança no *principium individuationis*, ou seja, uma possível singularização do indivíduo. Porém, é por meio desse princípio que o homem percebe o sofrimento na existência, pois é a partir dessa singularidade que há o rompimento do Uno-primordial da aparência. Assim Nietzsche expõe:

Com efeito, quanto mais percebo na natureza aqueles onipotentes impulsos artísticos e neles um poderoso anela pela aparência [Schein], pela redenção através da aparência, tanto mais me sinto impelido à suposição metafísica de que o verdadeiro-existente [Wahrafft-Seiende] e Uno-primordial, enquanto o eterno-padecente e pleno de contradição necessita, para a sua constante redenção, também da visão extasiante, da aparência prazerosa – aparência esta que nós, inteiramente envolvidos nela e dela consistentes, somos obrigados a sentir como o verdadeiramente não existente [Nichtseiende], isto é, como um ininterrupto vir-a-ser no tempo, espaço e causalidade, em outros termos, como realidade empírica. (NIETZSCHE, 2013, p. 36).

Nesse rompimento do Uno-primordial se dá a sabedoria que Sileno² nos fala, de que a existência é em si o sofrer, pois “(...) a existência de tais deuses sob o radioso clarão do Sol é sentida como algo em si digno de ser desejado e a verdadeira dor dos homens homéricos está em separar dessa existência (...)” (NIETZSCHE, 2013, p. 34). Assim, o homem do universo apolíneo é comedido em aparência, sofrimento e conhecimento, se mutilando em dor pelo rompimento da essência do Uno em indivíduos.

² Cf.: (NIETZSCHE, 2013, p.37).

Por conseguinte, “Se a esse terror acrescentar-mos o delicioso êxtase que, à ruptura do *principium individuationis*, ascende do fundo mais íntimo do homem, sim, da natureza, ser-nos-á dado lançar um olhar à essência *dionisíaco*, que é trazido a nós, o mais de perto possível, pela analogia da *embriaguez*.” (NIETZSCHE, 2013, p. 27). Dionísio pode ser descrito como o deus do vinho e da elevação embriagante. Tal embriaguez provocada pelo vinho é a possibilidade de fuga da individualidade, a fusão ao Uno-primordial, ou seja, uma integração com a totalidade. Ao contrário do apolíneo, o dionisíaco é o abandono dos preceitos de Apolo, sendo a desmedida, a desintegração do eu, a *hybris*. Segundo Nietzsche, “O desmedido revela-se como a verdade, a contradição, o deleite, nascido das dores, falava por si desde o coração da natureza. E foi assim que, em toda parte onde o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado.” (NIETZSCHE, 2013, p. 38). Nietzsche analisará o impulso dionisíaco como o fundamento subjetivo de todas as coisas, fundindo assim ao âmago da existência.

O aspecto impulsivo dionisíaco irá assemelhar ao que Nietzsche apresentou no começo da obra com a sabedoria pessimista de Sileno. Sileno era um companheiro de Dionísio, e rege a lenda que o Rei Midas ao defrontar com o jovem nas florestas, com suas bebedeiras insanas lhe perguntou o que havia no homem de mais desejável, ou melhor, gostaria de saber o que existiria de supremo na raça humana, e Sileno lhe respondeu: “Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”. (NIETZSCHE, 2013, p. 33). Tal pessimismo presente exaltava na proporção da embriaguez, dissolvendo assim o “*principium individuationis*”. Nietzsche então vê que a solução é a junção dessas tensões, apolíneo e dionisíaco, para que dessa forma quebre os limites da individualidade e ao mesmo tempo mantenha a ordem e a contemplação estética, gerando assim a tragédia grega.

Embora esse dois impulsos de naturezas opostas se tencionam “Apolo não podia viver sem Dionísio” (NIETZSCHE, 2013, p. 38). O apolíneo e dionisíaco são poderes artísticos que não depende da mediação humana, são impulsos da própria natureza. Em ambos esses impulsos naturais se satisfazem, de um lado como a figura do sonho, que não depende de conexão que potencialize tal ação, é

transposto pela intelectualidade e ordem, e por outro lado a busca pela destruição do princípio de individuação, em toda desmedida.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada, [Unbildlichen] da música, a de Dionísio. (NIETZSCHE, 2013, p. 27)

Para Nietzsche, a música, assim como para Schopenhauer é a mais sublime de todas as artes, pois está é que “(...) se refere simbolicamente à contradição e a à dor primordiais no coração do Uno-primogênito, simbolizando em consequência uma esfera que está acima e antes de toda aparência.” (NIETZSCHE, 2013, p. 48). Dionísio é assemelhado por nosso autor como sendo a expressão de arte não figurada, é a música em seu estado mais inebriante, nada de racional e comedido, mas mesmo assim a mais sublime. Já Apolo como toda sua medida, também é uma expressão da música, porém, de uma forma harmoniosa, calculada, e até mesmo capaz de elevação da alma. Nietzsche compreende que a tragédia grega deve ser entendida como “o coro dionisíaco a descarregar-se sempre de novo em um mundo de imagens apolíneas” (NIETZSCHE, 2013, p. 60). Tal importância dada ao coro é para nosso autor, o que há de mais essencial na tragédia, pois não se davam por meio de conceitualização, pois heróis trágicos não se objetivavam na palavra falada. É por meio do coro que há alcance da palavra, a tragédia está ligada ao coro, em meio aos estados dionisíacos e a redenção apolínea.

CONCLUSÃO

Mesmo Nietzsche caracterizando o coro dionisíaco como a sublime música, não se pode deixar de lado a importância apolínea para a tragédia. Somente com a junção de tais tensões poderá existir o nascimento da tragédia. É Apolo que concede a beleza das formas presentes na tragédia, trazendo o diálogo, o belo e o transparente. Dessa maneira, Apolo transforma a vida em todo sofrimento e dor em arte trágica. Assim o espectador consegue por meio das belas formas postas por Apolo assistir a tragédia e suportar as dores da vida. Mas é feito dionisíaco mostrar

ao expectador a extremidade da vida. Com todas as suas fantasias e máscaras propicia ao expectador da tragédia um espetáculo, com toda a afirmação da vida.

Para Nietzsche, sem a união dessas duas tensões, entre Apolo e Dionísio, não poderia existir a tragédia grega em seu espetáculo. Tanto Apolo quanto Dionísio necessitam um do outro, como uma espécie de equilíbrio, para que essas tensões possam surgir na mais esplendida forma, na qual Nietzsche confiava que fossem. Uma tragédia apenas apolínea, não seria mais que um espetáculo de ilusões e a beleza de suas formas, e uma tragédia apenas dionisíaca seria um simples mergulho de fantasias. Já essa junção artística, faz com que a tragédia tenha emoção e beleza, comedidas na sua maior expressão artística.

Dessa maneira, o homem grego não tomava a beleza apolínea como uma forma de abolir os horrores da existência, como uma forma de distração ou uma recreação da realidade, mas como um meio de imergir do mergulho que o estado dionisíaco fazia da realidade. Os poderes apolíneos irrompem com os poderes dionisíacos, como se fosse “o bálsamo terapêutico de um delicioso engano” (NIETZSCHE, 2013, p. 126), dando dessa maneira a tragédia grega e invertendo a sábia fala de Sileno do início da obra: *A pior coisa de todas é para eles morrer logo; a segunda pior é simplesmente morrer um dia.*” (NIETZSCHE, 2013, p. 37). Assim o homem grego anseia por sua existência, que até os seus mais terríveis lamentos se tornam hinos que louvam a vida. Assim, os dois princípios constituem o devir da vida.

REFERÊNCIAS:

- ARISTÓTELES. *Poética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. “*Mitologia Grega*”. Vol. III Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.
- _____. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Ed: Vozes, 1985.
- BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Calouste, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MACHADO. Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- NIETZSCHE, F. *A Visão Dionisíaca do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras (Companhia de Bolso), 2013.
- _____. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção de fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Trad.: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SAFRANSKI, Rudigger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Trad.: Lya Left. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2016

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.